

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

1.º de Abril de 1863.

XIV.

SUMMARIO.

	Pags.		Pags.
Agulha em palheiro, por CAMILLO CASTELLO BRANCO..	437	Espera, por M. REIS FOJO SEABRA	458
Visita Imperial, pelo Dr. LUIZ DELFINO.	448	As ventoinhas, por MACHADO DE ASSIS.	460
O Suicida, por JOSÉ PEREIRA DA SILVA	451	Dinheiro, por F. X. DE NOVAES.	462
		Chronica, por MACHADO DE ASSIS.	466

71.

RIO DE JANEIRO.

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.

DEDICATORIA.

**AO POETA DAS CRENÇAS, DAS FLORES, DO AMOR,
DA MELANCOLIA E DOS DESGRAÇADOS,**

AO ILLM. E EXM. SR.

Antonio Feliciano de Castilho,

**honra da patria, honra dos que o presam e
amam a patria,**

OFFERECE

O AMIGO, O RESPEITADOR, O DISCIPULO MAIS DEVEDOR

Camillo Castello Branco.



Agulha em palheiro.

I.

Em 1803, o sapateiro de Manoel Maria Barbosa de Bocage era Francisco Lourenço Gomes, estabelecido na calçada do Sacramento em Lisboa.

Francisco Lourenço era, n'aquelle tempo, rapaz de desoito annos ; mas, por sua muita espertesa e actividade, merecêra que o pai lhe confiasse a gerencia da loja grandemente afreguesada.

Os poetas notaveis do tempo calçavam todos de casa de Francisco Lourenço ; um só, porem, o maioral de todos, o repentista Bocage, calçava gratuitamente.

Os coevos do poeta recordam-se de o terem visto quasi sempre mal entrajado de cazacas, pantalonas, e chapeos : mas, no tocante a botas, dizem todos que o vate Elmano primava em asseio, e raro dia sahia á rua com ellas, sem muito lustro de fina graxa.

Este accidente da vida de Bocage, omittido nas biographias do immortal improvisador, escriptas por Castilho e Rebello da Silva,

tive eu a fortuna de apanhá-lo casualmente. Assim, pois, se explica a distincção das botas de Manoel Maria entre as dos seus collegas e rivaes do botequim Nicola :

Francisco Lourenço, o sapateiro dos casquilhos d'aquellê tempo, era amante de versos. Principiára saboreando as trovas chôchas de José Daniel ; e ditosa corrêra a vida pedestre deste infausto poeta, em quanto a admiração do sapateiro lhe foi prodiga de botas ; quando, porem, o môço ouviu Bocage improvisar na festividade de Corpus-Christi, fatal hora badalou para o autor do *Almoceve das pêtas*, que nunca mais encontrou graça no seu Mecenas de beserro e sola.

O entusiasta de poesia presenteou Bocage com umas botas, e a quitação de dois remontes que lhe devia. O poeta, não vezado a taes galhardias do vulgo profano, posto que a pouco mais subisse a capacidade do *claro auditorio seu*, retribuiu a generosidade do môço com prosa ehan, mas muito mais sincera e cordeal que os versos.

Francisco tomou a cuidado seu mandar todas as manhans buscar o calçado do poeta predilecto, e devolver-lh'o brunido e lustroso como um espelho ; e, apenas as solas se gretavam ou os saltos iam entortando, logo novas botas, em fasenda e feitio primorosas, iam saudar o vate acordado para um novo dia dos seus desvairados prazeres de praças e tavernas.

A repetição destes brindes abriu, no animo generoso e popular do poeta, as portas á confiança tímida do artista. Francisco Lourenço teve a honra de almoçar com Bocage no « botequim das Parras » e d'aqui sahiram junctos a jantar n'uma horta do « Campo-grande » onde Elmano, fiel aos seus usos e costumes, bebeu á tripa fôrra, e poetou, consoante o auditorio lhe beliscou a *língua escandecida*.

O sapateiro, instigado por sua dôce embriaguez, que era a suave e honrada embriaguez do amor casto a uma prima, revelou ao poeta a sua paixão, e pediu-lhe umas quadras natalicias para festejar os annos da sua amada. Esta confidencia rebentou do coração do môço ali pelas alturas de S. Sebastião da Pedreira. Bocage, sem mais averiguações, entrou n'uma tenda, pediu papel, disse a Francisco Lourenço que escrevesse, e improvisou torrentes de quadras que extravasaram da folha de papel almaço. O sapateiro amante chorava de alegria ; e o especieiro ficou pasmado, e maravilhado de ter tido em sua loja o famoso poeta, que era o esfarrapado idolo do povo, como todos os idolos do povo, que assim os quer esfarrapados, ou tarde ou cedo os esfarrapa, se elles lhe caem nas mãos bem ageitados.

Francisco Lourenço ao despedir-se do poeta que ia passar a noite em casa do marquez de Angeja, delicadamente lhe introduziu na algibeira do collête uma peça. Que bizzarria de animo ! Uma peça seria hoje o primeiro dinheiro que um editor portuguez offereria a Bocage pela propriedade d'um volume !

Bem empregados seis mil e quatrocentos réis ! A prima de Francisco, quando se viu assim cantada, e de Maria que era, transformada em *Marília*, ganhou ao primo tamanho amor, que logo d'ali esqueceu sagradas promessas, que fizera a outro ; e, tanto foi, que estando ella a bordar um coração varado por duas setas em cruz, com o intento de mandal-o ao rival de Francisco, o symbolico lençinho, dias depois, estava em poder do primo, que o beijava em transportes de jubilo.

Bocage viu a seus pés o mais ditoso dos amantes, confessando que aos seus versos devia a immensa felicidade, que lhe não cabia no peito. Esta situação, grata ao genio, reacendeu-lhe o estro em novas flammas. Um soneto divino cahiu no coração do reconhecido môço, que foi logo d'ali leval-o ao coração de *Marília*.

Esta menina era filha d'um colchoeiro da rua Angusta, filha unica, e esperançada em bom patrimonio, que seu pai, tio materno de Francisco Lourenço, passava por abastado. Alem d'isso, Maria Luciana era galantinha, arranjadeira de casa, prendada, e amiga de ler livros de devoção, e o *Almocreve das pêtas*, e o *Anatomico jocoso*, obras do engenho humano, que o bom do colchoeiro pasmava de ouvir, e com as mãos nas ilhargas, era todo elle uma risada, que não ha eental-o !

Depois, porem, que Maria Luciana lêra os dous poemas de Bocage, que lhe diziam respeito, o seu poeta valido era o grande cantor, e os livros ao divino pareciam-lhe cousa de moêr a paciência. A reformada creatura, quando a mãe lhe tirava das mãos as rimas de Bocage, e a obrigava a ler o *Retiro espirital* e a *Novena de Santa Ursula*, zangava-se tanto lá no seu interior, que chegava a duvidar que santa Ursula, e sua mãe tivessem senso commum !

Não desagradava ao colchoeiro o sobrinho. Seu cunhado, alem da accreditada Loja na calçada do Sacramento, possuia no Cartaxo uma quintinha de recreio e algumas terras lavradas, e vinhedos no herdado e adquirido pelo officio. O rapaz desempenhava, em annos verdes, o bom governo da loja, e mostrava tendencias a ganhar freguezia de gente limpa, com quem elle se relacionava. Porem, estas boas predisposições eram rijamente contrariadas pela funesta noticia, que lhe chegára aos ouvidos e vinha a ser : o escandalo de ter ido o môço algumas vezes almoçar ao botequim das Parras, em companhia de poetas ! Esta reluctancia durou dous annos, ou mais ; mas, a final, como quer que Maria perdesse a saude e amarellasse, o colchoeiro, que não tinha outra filha, deixou-a casar, dotando-a com seis mil cruzados.

No fausto dia do cazamento, Francisco Lourenço foi convidar Bocage para jantar em sua casa. O poeta estava enfermo ; prometeu ir n'outro dia, se não morresse d'aquella aneurysma que o tinha nos umbraes da eternidade. As portas da eternidade porém, estavam a abrir-se, n'aquella hora, ao mais inspirado e desditoso genio que

ainda viram portuguezes, sendo tantos os inspirados e desditosos á competencia de desgraça com elle!

Poucos dias depois, nesse anno de 1806, morreu Bocage.

Francisco Lourenço chorou-o, como se ás lavaredas d'aquelle incendio d'alma tambem elle tivesse aquecido os embrioens do seu talento. O artista não era poeta, nem tinha a parvulez de crer-se tal por que adorava Bocage. O que elle tinha era a paixão do bello, com a intranhada magoa de não ter sido educado e guiado por aquelle rumo de magestosa desgraça. Bem sabia elle que Luiz de Camões morrêra n'um hospital, e Antonio José da Silva n'uma fogueira, e Maximiano Torres nos presidios da Trafaria, e Garção na cadêa, e Quita na indigencia, e Bocage no desamparo. Sábia-o, e invejava a brilhante desdita de taes destinos, ao passo que os grandes de entendimento rojavam aos pés dos grandes da fortuna seu ignobil servilismo para não emparelharem na invejavel miseria com os Camões e os Bocages.

Quando acontecia Francisco Lourenço dar largas á sua candida alma, lamentando o máo fim dos grandes espiritos em Portugal, os freguezes, que o ouviam, disfructavam-no, como hoje se diz, e iam chancear á custa do sincero artista. A voga, que lavrou da sua mania lamuriante, grangeou-lhe freguesia: Os peraltas iam acinteiramente, ás chusmas, tomar medidas de botas, buscando azo de o moverem á costumada dissertação. Muitos o ouviam discorrer tão de razão em tal materia, que sahiam mais commovidos que dispostos a motejarem a louvavel sensibilidade do moço. Aos mais íntimos, ou mais velhacos recitava elle as quadras natalicias, que Barbosa de Bocage improvisára em S. Sebastião da Pedreira, e o soneto posterior, ao qual o coração de sua mulher de todo em todo se rendera. Estes eram os que divulgavam, como ridicula, a confidencia do sapateiro; e nunca lhe perdoaram ter elle, na sua salla, impressa em pergaminho, e encaixilhada em retabulo dourado, a estrophe do epicedio a Elmano, por Francisco Manoel do Nascimento, que disia assim em linguagem de anjos:

« ELMANO ! oh ! VATE ! A abelha, em teu moimento,
 « Sempre o seu mel componha !
 « Mandá dos ceus, e balsamos da Arabia
 « Allí destillem ; louros enverdeçam,
 « Heras, nevados lírios !
 « Basto rozal, com mil botões o abraçe !
 « Manjerona, tomilho, e a flôr vermelha
 « Que annuncia em queixumes
 « De Ajax a dôr, n'um ai tincto em seu seio !
 « Do Sado as Nymphas, nymphas do aureo Tejo
 « E as indicas Nereas
 « Com lagrimas a campã lhe humedeçam !

Francisco Lourenço recitava com lagrimoso entusiasmo estes versos, e como thema os tomava para maldizer a nação e o governo que deixavam morrer de fome de pão e da patria o autor de tão doridos queixumes, o exilado Filinho Elísio. E disso riam os casquilhos, os miseraveis cujo nome ninguem sabe, e cujos netos a gente não conhece, quando os topa ahi por esse Chiado e Rocio, cascalhando, como seus avôs, umas risadas alvares, unico symptoma de vida intellectual que dispensam nesta sua passagem sobre o globo, que é delles e das moscas.

O pai de Francisco Lourenço affez-se a ouvir o filho fallar de poetas, e achava-lhe razão. Ouvia-o queixar-se da nenhuma educação litteraria que tivera, e sentia sinceramente não ter aproveitado as tendencias de Francisco. Dizia elle :

— Olha, rapaz, eu tinha um parente, que ia muito bem com a sua vida, em quanto olhou pela loja de mercearia, que seus pais lhe deixaram. Depois, assentou o pobre Francisco Dias Gomes em se fazer poeta, e deixou ir o negocio pela agua abaixo, a ponto de deixar para ahi a familia pobre. As obras delle andam impressas por esse mundo á custa da Academia; mas isso não remedeia, em quanto a mim, a pobreza da familia. Ora eu, como tinha este exemplo na familia, resisti á tua e á minha inclinação. Achei que o melhor era dar-te o officio que me deu a mim muito trabalho com bom estipendio, e vida socegada. Já agora, Francisco, o remedio é conformares-te com a tua sorte. Se gostas de lêr, lê, que eu não te levo isso a mal; mas bom será que olhes sempre para o essencial, que é a loja. Deixa-te de acamaradar com gente de outra laia, que afinal ha de dar-te máo pago. Trago cá minhas desconfianças de que muitas pessoas vem aqui fallar contigo em poesias, e vão lá para fóra zombar de ti. Eu, que t'ó digo, é por que alguém m'ó disse. Lê os teus livros no teu quarto; mas, na loja, se alguém te fallar em versos, falla-lhe tu em botas. Cada qual no seu officio. Ora agora, como estás casado, e podes ter filhos, farás o que melhor entenderes: educa-os como quizeres, que eu, graças a Deus, hei de deixar-vos o necessario para fechar a loja, e cuidar n'outro modo de vida. —

Desde este dia, Francisco Lourenço commediou-se nas palestras litterarias. Os destructores deram fé da reforma, e foram rareando a pouco e pouco. Se o provocavam a discorrer sobre Camões, Bocage ou Filinho, o ajuisado Francisco lançava mão da craveira, e dizia: « Já não conheço de versos; agora o que sei é medir pontos de pés.

— Spondeus ou dactilos? — atalhou um faceto de mais presumido chiste.

— Pés de toda a casta — replicou Francisco — pés mesmo dos que são a quatro em cada sugeito, como posso provar a V. S.

O farçola entendeu que o sapateiro lhe chamava quadrupede: suspeita bem cabida, mas não cabalmente averiguada.

O certo é que este freguez deixou de o ser de Francisco Lourenço; e outros de sua roda se affastaram tambem, visto que o mestre se esquivava a ser pasto de seus ocios.

Que selvagens tempos aquelles!

Francisco Lourenço, se vem cincoenta annos depois, sem embargo de ser um habil sapateiro, poderia entrar dignamente na republica das letras, começaria versejando, em solteiro, estas faceis quadrihas, cheias de fogo e alma, com que todos os marechaes das letras velaram as armas, ao verterem-se cavalleiros para-a crusada da civilisação. Depois, escreveria o seu folhetim, variado em côres, como um mosaico de differentes linguas, e com atrevimentos de ideias, que forçariam a critica a qualificar-as de originalidades. Francisco Lourenço teria uma luneta, um charuto, e um bigode encerado, e uma esquina ali no largo de Camoens onde encostar os hombros, vergados sob o pêso da cabeça prenhe de ideias. Depois, naufragado o coração, Francisco Lourenço iria salvar a humanidade, com o seu scepticismo, nas regiões da politica. Faria, por tanto a um tempo botas para os pés, e sciencia para a cabeça da humanidade. Se absurdos fados o bafejassem, Francisco Lourenço subiria a ministro, e ninguem lhe perguntaria d'onde veio, nem a tripeça ainda quente lhe seria desdouro. Esta é a unica vantagem que a civilisação tem trazido para a fusão dos homens n'um só principio derivativo do pai commum. Cá, tanto faz ver do acume das grandezas cair um homem no raso da lama, como erguer-se da lama um homem ao mais culminante-da eschala social. Ninguem se espanta, nem se quer pára a discutir estes vulgares accidentes da reformação social.

Isto assim é que é bom.

II.

Posto que a leitura lhe deliciasasse muitas horas do dia e noute, Francisco Lourenço cuidava attentivamente no bom regimen de sua casa. Era elle quem talhava a obra superior, e a distribuia aos officiaes, quem recebia as damas freguezas, e com muito bom modo satisfazia seus caprichos. Os dias santificados passava-os com sua mulher e pai no Cartaxo, onde ia formando deposito de livros, *amigos da velhice*, como elle dizia. Tencionava Francisco ali ir passar o ultimo quartel da vida, empregando-a, sem outras distracções, no estudo dos bons authores, que ia conhecendo.

A carinhosa espoza ajustava perfeitamente com os praseres intellectuaes de seu marido. Nunca elle descobriu pagina de livro encantadora, que a não lesse a sua mulher. Como não tinham filhos, sobejavam os ocios do arrumamento das cousas domesticas. Maria sentava-se a costurar, nas noutes de inverno, ao lado da banca de seu marido. Elle lia com emphase, e ella chorava ou admirava-se com delicado sentir de coração ou espirito. A *cantata de Dido*, a pagina mais maviosa entre as mais inspiradas da poesia portugueza, já ella a sabia de cór, á custa de ouvil-a, e honral-a com suas lagrimas. Ouvira ella ler todos os poetas nacionaes antigos e do seu tempo, excepto José Agostinho de

Macedo, que Francisco aborrecia por ter sido o detractor de Camoens, e o émulo atrevido e torpe de Bocage. O artista, quando acertava de encontrar o frade Graciano, sentia calefrios na espinha; e, segundo elle dizia, vontade de escorchar com um ponta-pé aquelle ôdre de vinho e peçonha.

Em 1816, dez annos depois de casado, Francisco Lourenço agradecia a Deus a felicidade do primeiro filho, quando já o não pedia nem esperava.

— Ainda estou em idade de poder educal-o, e vêl-o homem — disse o festivo pai a sua mulher. — Tenho vinte e nove annos: quando meu filho tiver a minha idade, posso ainda viver, como vive meu pai, sadio e robusto. Já sei para quem estou enriquecendo esta livraria. A minha velhice hade ser um desèansar em leito de rosas. Irei deste mundo, deixando na alma de meu filho uma boa porção da minha essencia.

Não deve o leitor duvidar desta linguagem levantada em bocca do artista. As mais vulgares e rasteiras cousas da vida, naturalmente, se haviam vestido, em seu espirito, com as gallas da poesia, cujo perfume lhe rescendia em tudo. O seu permanente tractar com poetas, ou com a natureza, mãe de todos, e mais mãe dos que a amam sem lhe devarsarem os segredos, necessariamente influenciariam a singella alma do homem, que, para sentir vibrar as cordas todas da poesia, estava nos primeiros inlêvos de pai.

Por esse tempo, falleceu o velho Lourenço, e o pai de Maria. A herança de ambos daria sobeja independencia a Francisco; porém a existencia da criança dilatando o alcance das ambiçoens paternas, desviou-o do antigo proposito de passar a loja, e ir viver folgado em sua quinta. Um filho é realmente um aguilhão que aperta os temperamentos mais desleixados em grangeio de bens de fortuna. Já lhe queria parecer a Francisco Lourenço que quarenta mil crusados em propriedades era pouco patrimonio para o seu Fernando; e, quando bastasse a um filho, quem saberia os filhos provindouros? Se fossem mais de quatro, reflectia o pai, pouco menos de pobres ficariam todos. Entendeu, pois, em prosseguir no trabalho, afanar-se cada vez mais, encurtar ás horas de leitura, e augmentar o numero de officiaes afim de exportar calçado para o ultramar.

No anno seguinte, nasceu uma menina, e outra no anno immediato. Sem querer desagradecer a Deus, Francisco desgostou-se da duplicada mercê das meninas. Andava elle scismatico e melancolico, a cogitar no futuro que havia de preparar a suas filhas. O bom homem cuidava que sem educação scientifica ninguem podia ter futuro, e lamentava não poder crear suas filhas, pondo o fito nas Bernardas Ferreira de Lacerdas e Violantes do Ceo, litteratas famosas que o leitor conhece. Accudia a Sra. Maria Luciana ás tristezas de seu marido, dizendo-lhe que as meninas podiam ser freiras, e instruirem-se no seu convento. Isto mitigava as apprehensoens do pai; mais era ainda pouco para alivial-o

do desgosto de não ter tres filhos, que podessem ser tres grandes poetas, ou, ao menos, tres sabios, que é um grau de sciencia muito mais facil de attingir, no voto delle, e no meu tambem.

Fernando, aos quatro annos, frequentava as primeiras letras; aos nove estudava latim com admiravel intelligencia; e assim, até aos dezeses, cursou humanidades, no intento de ir graduar-se a Coimbra.

N'esta idade, Fernando conhecia os poetas latinos e portuguezes: lia uns com seu pai, e tradusia-lhe os outros, explicando os pontos obscuros de Horacio e Ovidio.

Grande era o dissabor do moço, quando vinha das aulas, e via atravez da vidraça que abria para o pateo, seu pai, talhando o beserro de umas botas ou o duraque de uns sapatos. Ia elle ter-se com sua mãe, e pedia-lhe que aconselhasse o pae a passar a loja, e remediar-se com o bastante, que já tinham para viverem em decente mediana. A boa mãe, não se esquivava de pedir tal cousa, mas admoestava Fernando a evitar quanto podesse mostrar-se envergonhado do officio de seu pai.

O imprudente moço não deu o devido peso ás reflexões da mãe, e insistio no seu desgosto e rogos. Bem pôde ser que os condiscipulos lhe atirassem á cara, como despique de inveja dos progressos delle, o seu nascimento humilde. Aquelles tempos eram infamados com muitos exemplos deste barbaro quilate. A' peonagem, nem a muita riqueza a salvava dos remoques da fidalguia. Nos collegios, os mestres eram os primeiros a darem o exemplo das preferencias. A applicação no moço de baixa extracção era menos louvada que a preguiça no escolar de familia illustre. Este escarneo do evangelho chegava até Coimbra, onde se degladiavam primasias de nobresa, e só com muita paciencia para ultrages e despresos, conseguia formar-se o filho do artifice, que raro se abalançava a entrar em communhão de sciencia com os privilegiados da boa fortuna.

E', pois, de crêr que Fernando Gomes, aperreado pelos condiscipulos, desejasse que seu pai levantasse mão do baixo officio de sapateiro, que mais que outro qualquer — sem podermos dar a razão do porque — se presta á zombaria, nas facecias dos chocarreiros.

Aventurou-se, um dia, Fernando a pedir ao pai que fechasse a loja.

— Porque?! perguntou Francisco Lourenço.

— Porque... — tartamudeou o filho... — se meu pai quer formar-me, não me parece....

— Diz, homem! — accudio o pae á indecisão de Fernando, com semblante transtornado — não te parece o que?

— Que seja bom ter a loja de...

— De sapateiro? . parece que te custa a dizer a palavra *sapateiro*! Sapateiro, sim!... Queres tu dizer que te envergonhas do officio de teu pai?

Fernando baixou os olhos, e não respondeu ; mas o silencio era ali a mais eloquente das confirmações.

— Está bom — disse Francisco. — Descança, que se ha de remedear tudo o melhor que poder ser. Hoje não vaes á aula. Amanhan fallaremos.

Francisco Lourenço fechou-se no quarto com sua mulher, e, antes de referir o que passara com o filho, rompeu n'um choro soluçante, que a consternada mulher não sabia como explicar nem consolar.

Fallaram largo tempo. O marido sahio de melhor sombra. Maria chamou Fernando, e disse-lhe :

— Deus te perdôe o mal que fizeste a teu pai ! Eu não quiz dizer-lhe que fechasse a loja, e tu commetteste a imprudencia de lh'o dizer !... Fernando, desta vez, valli-te ; mas não caias n'outra. Olha que teu pai é tão bom como severo. Segue a carreira, que elle te dá, e deixa-o lá com a sua vida. Cuidas que teu pai acha prazer em estar na loja a trabalhar ? Enganas-te. Bem sabes quanto apaixonado elle é de livros. Se trabalha, para ti é, e para tuas irmans. O que temos seria bastante para um, se tivesses juizo ; mas seria quasi nada para trez filhos. Tu não has de querer ser doutor, e ver tuas irmans sem nada. Vai á aula ; e, se alguém te disser que és filho de sapateiro, responde-lhe tu que tens muita honra em ser filho de quem és... Póde ser que os fidalgos que t'o disserem te devam a tí o par de botas que trazem...

Estas judiciosas razões não consolaram Fernando.

A resposta foi um callado despeito, e uma visagem de desdem, que Maria viu com os olhos humidos.

Decorridos poucos dias, Fernando foi ter com sua mãe, disse-lhe que não tornava á aula, porque os seus condiscipulos o vexavam. Descendo a explicar o vexame por miudos, disse que o filho do conde de tal, zangado com elle por ter-lhe corrigido um theorema de geometria, lhe replicára perguntando qual era a figura geometrica de uma tomba ; e se as entrécospias em logica pertenciam ao dilemma. A mãe não conheceu o travar do epigramma. Chamou o marido, e quiz que o filho repetisse o conflicto diante de seu pac. Francisco ouviu-o, doeu-se, dissimulou o pesar, e disse-lhe :

— Irás frequentar outra aula.

— Acontece-me o mesmo em toda a parte—acudiu Fernando com certo desabrimento deshumble. — Em quanto o pai estiver neste modo de vida, hei de ser enxovalhado por todos os condiscipulos, tanto monta em Lisboa, como em Coimbra.

— Está bom — disse serenamente o pai. Eu vou pensar, e resolverei.

A resolução foi prompta. Francisco Lourenço entrou no quarto, onde Fernando estudava, e disse-lhe :

— Arruma esses livros, que já te não servem de nada. E's sapateiro como teu pai, e teu avó.

Fernando perdeu a côr, e quasi o sentimento. Francisco Lou-

renço saíu, e foi verter torrentes de lagrymas no seio da mulher, exclamando a intervallos :

— La vão todas as minhas esperanças !.. Assim havia de ser, por que ouvi a voz da minha vaidade, e nunca me lembrei que um filho podia ter vergonha do officio de seu pai... Vê tu, mulher, que soberba maldita eu andei gerando e engrossando no animo d'aquelle rapaz ! Se eu lhe desse largas, onde iria dar comsigo tamanho orgulho !.. Ah! tens tu a sciencia a desnaturar-me um filho, santo Deus ! Bem m'ò pregava meu bom pai !.. Quantas vezes lhe ouvi dizer que eu, se fosse um sabio, me correria de o ver a elle na baixa condição de sapateiro !.. Não posso, nem devo consentir que meu filho se deshonne por amor da sciencia,.. Se a sociedade o vexa, paciencia ; que fuja da sociedade. Eu antes o quero sapateiro honrado, que filho infamado pela ingratição. Façamos um homem de bem, e os nobres que façam os sabios... Mas é dor, é uma grande afflicção, ter de renunciar ao proposito de tantos annos ! E' per isso que eu choro... e bem vejo que é fraqueza chorar ! Tenho pena d'elle ; tenho-a deveras... mas só assim é que eu posso resgatal-o das mãos do mundo, que m'ò hade perder !

Maria Luciana tentou demover a intenção do marido com razões, e mais que tudo com lagrimas. Lembrou ella que o mandassem logo para Coimbra, onde os condiscipulos o não conheciam. Este remedio azedou mais a ferida do artista :

— Pois eu — exclamou elle — heide estar evitando que o meu nome seja conhecido ?! Heide esconder-me para que meu filho se não envergonhe? Heide recommendar a Fernando que não diga em Coimbra quem é seu pai, ou consentir que elle me negue para ser mais bem recebido? Que respondes, Maria?

Não respondeu nada a pesarosa mulher. A dizer a verdade, com que argumentos responderia ella, sem molestar-lhe o espirito ? O ponto mais sensivel da questão era a dignidade do homem mechnico, trabalhando para engrandecer o filho. Se este desejo e afan lhe era deslustrado por desprezo de seu mister, qual gloria lhe restava ? Quem lhe asseverava a elle que o filho, mais tarde, fugiria d'elle como d'um estorvo ao seu maior engrandecimento ?

Não obstante, Maria chamou o filho, e mandou-o pedir perdão a seu pai, se não queria ir para a loja trabalhar com os officiaes.

— E por que não heide eu ir?! — respondeu placidamente Fernando, com grande assombro da mãe.—Eu não tenho vergonha de ser sapateiro. Quero sê-lo, quando m'ò chamarem.

— E não se te importa o tempo que perdeste a estudar, Fernando ? — tornou a mãe, commovida pela briosa resolução, e desapêgo do filho.

— Não perdi de todo o tempo : serei um sapateiro illustrado como meu pai o é. Antes isso. Terei horas de estudo, e horas de trabalho. Não receio que me humilhem na loja.

Fernando, obedecendo aos nobres impulsos do momento, não sabia bem o que dizia, nem a menos, que a natureza humana se não houvesse singularisado n'elle, devia insistir muito tempo em pontos de tão isempta grandesa de animo.

N'aquelle mesmo dia, desceu á officina, e disse ao pai que lhe talhasse o seu serviço. O pai encarou n'elle com muita amargura, e disse-lhe :

— Vá para cima !

Os officiaes olharam-se com espanto, como adivinhando a significação d'aquelle incidente. Fernando, desde a idade de nove annos, que nunca descera á casa de trabalho, nem trocava palavra com algum dos officiaes. Estes, por ironia, e lá muito em secreta maledicencia, denominavam-no o *fidalgquinho* e *viam* á sucapa quando, atravez das portas envidraçadas o viam passar no pateo, sem lhes virar um canto d'ôlhô.

A situação de Francisco Lourenço era afflictiva. A corajosa apresentação do filho desarmara-lhe a tal qual ira, que elle muito precisava azedar com a rebeldia, para tirar a limpo o seu plano. Pensava elle que o estudante recebêra aterrado a nova: não se enganou; mas longe estava de cuidar que a reacção do brio o determinasse a acceitar sem custo um tirocinio de sapateiro. A verdade é que ambos estavam enganados: o pai com a fraquesa do filho, e o filho com a sua propria coragem.

Não sabia Francisco que dizer nem fazer. Evitava encontrar Fernando; mas forçoso era verem-se á mesa da ceia. O artista não pôde engulir bocado. Maria ensopava o lenço em lagrimas. Fernando, grave mas não triste, ia comendo, segundo o seu costume, e fazia o prato de suas irmãs, estranhas ás amarguras dos pais.

Quando as meninas, depois de darem graças a Deus, se retiraram ao seu quarto, Fernando disse com muita brandura :

— Por que hão de estar tristes?! Eu já disse á mãe que acceito qualquer posição que meu pai me der. Estou muito em tempo de aprender o officio: se meu pai não quer que seja o seu, indique-me outro. Vou sem saudades dos livros, nem pesar de esperanças perdidas em grandezas do mundo.

— Mas envergonhas-te de ser filho d'um homem do povo !.. atalhou o pai.

— Não me envergonho: Vm. não intendeu bem a minha magoa. O que eu não posso supportar são as zombarias dos meus condiscipulos, que por força me hão de encher de fel o coração, e fazerem-me máo. Qualquer que seja o officio mechanico, que me derem, viverei com os meus iguaes, e poderei distinguir-me d'elles com a minha instrucción, sem que ella me faça alvo dos seus motejos. Isto é o que eu desejo e penso.

— Tens dezeseite annos, Fernando ! — disse o pai. — E' tarde para recommencares nova carreira.

— Eu me applicarei para ganhar tempo. Não lhe dê isso cuidado, meu pai.

— E queres ser sapateiro ?

— Serei..

Como este SEREI foi dito ! Que livro eu tenho debaixo d'aquella palavra ! Que volume de psychologia, de phisiologia, de coração, de humanidade, de tudo quanto ha ahi attinente ao homem, eu era capaz de extrahir d'aquelle SEREI ! Da acentuação que Francisco Lourenço deu á palavra *sapateiro*, tambem se podia formar outro volume psychologico, physiologico, um tractado completo do espirito do homem em todas as suas variantes desde a sinceridade do sapto, até á ironia do demonio do Goethe, que era o mais argucioso e ironico argumentador, que o inferno cá mandou, depois dos enviados que prégarã a distincção entre homem e homem !

(*Continua.*)

VISITA IMPERIAL

Ao estabelecimento de optica de José Maria dos Reis.

(*Continuação.*)

VIII.

Gutemberg fixa a palavra, consegue multiplicá-a, e espalha-a com incrível velocidade. O Typheu da mythologia com cem cabeças, e vomitando chammas por cem bocças, é nada ante o gigante da imprensa. Quando ella se mexe ou se volta, os imperios do mundo agitam-se e revolvem-se.

Gallileu apodera-se do ceu com seu tubo magico. Manda ás estrellas, que erravam desconhecidas no fundo dos abismos, vir do seu ninho eterno pousar na ponta da vergasta, com que as fez jorrar do ceu, como Moyses a agua do rochedo nos ermos da Iduméa. Vasco da Gama quebra as portas do oriente. Luiz de Camões emboca a tuba de Homero, e funde em paginas de bronze eterno da Iliada moderna a memoria deste grande acontecimento nos fastos da humanidade e da civilisação.

IX.

O homem dobra a cabeça: pallor fundo tinge-lhe a fronte... o pallor, aureola do soffrimento, echo das intimas agonias, gemido do pensamento estorcendo-se no imo das misteriosas gemonias do espirito, transformado em descôr por metempsychose indizivel: o suor gotteja della, como se estivesse elle travando luta com as sombras, o cansaço se apoderasse dos seus musculos, o terror da quèda lhe entorpecesse os membros, e lhe fizesse refluir sangue e vida ao coração.

Ergueu a cabeça, e sorriu!

Assim o marinheiro vindo das profundezas do mar com largos cabedades adquiridos á força de labôr e tempo, vê surgir de repente das aguas chamalotadas de ouro e azul e esmeraldas a primeira palma, a mais alta, a que corôa a montanha da patria; adivinha o porto: pinta-lhe a imaginação a branca e fina areia da praia, e no outeirinho relvoso, pendurada como um quadro de Ticiano, a casa refulgente de brancura, que se feiza sobre os seus amores, adormecida em moita de rosas, e emballada de zephiros: desruga a fronte, que se illumina de uma vaga suave e transparente de luz intiina; e diz comsigo: Dentro d'aquella concha há uma perola: poderá ser minha amanhã.

Assim o homem trouxe do abismo de treva em que andava mergulhado uma arma, e essa arma era um thesouro immenso; como a lamina de damasco de aço finissimo e tempera rija traz no punho a riqueza de um povo inteiro, essa tinha a riqueza de todos os povos da da terra.

O homem podia sorrir.

O duello tinha sido formidavel: dera tempo para crescer selva de loureiros, a cuja sombra se abrigasse o lutador triumphante. Como Moizés vira do alto da montanha, fronteiras a desdobrarem-se, as pingues terras de Chanaan; não havia se não vencer trevas, e depois de ter apontado ao povo o lugar da luta, e o lugar onde assentar as tendas, poder entoar o hymno sublime da morte, e cahir fulminado de gloria.

X.

Mas que arma foi essa? Que horisonte immenso rasgou de um golpe a desvendar terras desconhecidas? de que formidavel bainha sahiu? que braço homerico a vibrou?

Cómo Prometheu encadêado ao Caucaso, a liberdade estava amarada ao porvir, e ella o desatou.

Os abutres não vão roer-lhe as entranhas, sem que ella dê gemidos atroadores, e revolvimentos desesperados e inuteis: esmaga-os como a vermes. O leão de Neméa, a hydra de Lerna, e o javali de Erymantho — o imperio das garrás — cederá ao seu golpe. O touro de Creta, os cavallos de Diomedes — o imperio da ignorancia — domar-

se-ha ao seu lampejo. O Centauro Nessus — imperio da incerteza e do equivoco, do aviltamento e das más paixões, cahirá ao seu gume.

Resta a esta arma poderosa herculeos trabalhos, que nem Herioto e Homero com todo o genio poderam ver levantar-se atravez as idades.

A massa do Hercules da civilisação moderna é pesada para um só heróe: um povo possuido da mesma idéa, impellido da mesma força, ergue, como um só homem e de um só-momento os braços, e póde manejar-a... e a maneja.

Mas que arma trouxe o homem do abismo?

Umas azas.

São talvez como as de Icaro: levam ao ceu: mas tem um ponto importante, em que differem das delle: não são de cêra. Voam até ao sol da verdade, sem derreter-se, e passam pela face dos mares, sem afundar-se.

A natureza, que fugia por um lado está emparedada: póde soprar o furacão: a arvore da floresta vai ser decepada, arrastada á praia, laborada.

Dar-lhe-hão entranhas de formidavel tecido de ferro, por onde sahirá estorturosa a ignea respiração; e duas azas de tempestuoso esbater vão lutar d'ora avante com a impetuosidade do vento, com as furias do mar, sem perder um passo na marcha insana e triumphal.

Tinha lutado com a sombra, venceu-a ainda uma vez.

O homem conservara vergada a fronte divinizada pelo sopro de Deus, desde Heron a James What, desde What a Roberto Fulton; e enfim ergueu-a para dizer: venci.

XI.

Já li algures, palavras, que profligam um dos meios mais poderosos de engrandecimento social. Debruçado sobre as ruinas de templos ignobeis, artefactos sem idéa, massa informe de argilla e alvenaria, que não diz uma palavra, que não influe um sentimento, que não inspira uma idéa, a mão do homem arrasa-os; e em seu lugar cava novos fundamentos, ergue outras paredes, e estende os dous braços de ferro, que vão por iguaes distancias cortando cidades, valles, outeiros, enterrando-se pelas montanhas, e em amplexo de caridade unindo terra a terra, povo a povo, paiz a paiz.

A estrada de ferro é o templo da civilisação moderna.

Este templo não soffre paralelo com as quatro paredes de uma igreja: é muito superior, é muito mais nobre, eleva mil vezes mais a alma ao ceu e a Deus, do que o templo fincado em terra, como sin-tinella de pedra fazendo guarda ao passado.

(Continúa.)

DR. LUIZ DELFINO.

○ SUICIDA.

MEDITAÇÃO.

A CAMILLO CASTELLO BRANCO. (*)

« Quando ás tormentas da vida
em que alma e corp^s abysmára,
refoge o gasto suicida,
o tiro que elle dispara,
coo fria gelada calma,
tem por bucha as folhas seccas
das mirracas flôres d'alma.

THOMAZ RIBEIRO.—*D. J. ym.*—

I.

O erro é partilhá da humanidade.

A dôr, consequencia infallivel do erro, é herança, condição de nosso existir. Só a coragem para gemel-a, que se traduz na resignação, como esta na crença de uma tranquillidade futura, não foi igualmente distribuida pelos homens.

Entretanto sem essa coragem que se aprende nos hymnos de um passado, em que muita dôr sem remedio poude fazer do homem um martyr, antes que o desespero lhe entrasse n'alma ; sem essa crença, que se aprende na resignação que evangelisou tanto martyrio, para o menor dos quaes fôra pequena toda a coragem do homem, se a não robustecêra o sopro de Deus, que é a crença mesmo que nos engrandece o espirito; seria um fardo por demais pesado esta existencia, tão custosa de soffrer, se o martyrio de uma desgraça sem remedio nos

(*) Vidè *Carteira de um suicida*. Revista Contemporanea. Abril de 1862.

entenebrece a alma quando o desespero de uma dôr atroz nos espinha o coração.

A crença, a fé, traducção mysteriosa de um futuro que não vemos, que não sentimos, mas que sabemos que existe, porque é força que elle exista, porque o entendimento nol-o affirma, porque Deus veio até nós para nol-o ensinar; a crença, a fé, se um dia abandona o desditoso que o infortunio tocou, ai d'elle! que não terá de encostar-se ao marco do caminho, onde a alma se refaz de forças para subir a ladeira que leva até o céu; ai d'elle, que há de sumir-se no abysmo cavado pela descrença e a mão de Deus o não susterá na borda, e as lagrimas da sociedade não irão aquecel-o no tremedal que o envolve!

Desherdado da essencia divina que lhe vestia a alma, o gelo da desgraça infiltrar-se-ha por cada um dos póros que deixou ao desabrigo, e na ignominia de trez affrontas dará testemunho da mudez que o envergonha, pensando que a esconde a si mesmo, quando a confessa a Deus, á sociedade, á natureza emfim!

Não fôra assim se aceitasse a dôr como dâdiva do céu.

O escolho que parte a náó que se afunda comnosco, salva-nos do abysmo se nos apegamos a elle; assim a dôr, se a gememos contrictos, é o bordão que a Providencia nos traz para o perigrinar á Eternidade.

Só resta firmar nelle os passos sem olhar-lhe os nós, que tambem a vida não a tivemos lisa; — e ai d'aquelle que ao termo da viagem, porque não teve espinhos no caminho da existencia, tiver liso o bordão que lhe ajudou os passos!

Entretanto, quantas vezes a vida é cheia de dôres, e o soffrimento não nos depura o espirito! Quantas a descrença não vem dizer ao coração que debalde espera, que o seu gemer é sem remedio, que deixe a vida para deixar a dôr!....

Quantas vezes não afaga a alma uma crença santa, que a perda de uma illusão vem ferir de morte?... e na reacção da dôr não terá de succumbir, ella que se abriu á esperanza sonhando venturas, ella que crêra que a ventura no mtundo só nasce da crença?....

Mas antes de succumbir a alma ao ferido da sorte, vai ella estalando a pouco e pouco nos apertos da desgraça, enregelando nos beijos frios, e quando a vida se apartou do corpo, é que á morte lenta precedeu o desespero que acurvou a alma ao golpe, ancioou no debate com a dôr, contrahio-se no gemer

da magoa, suffocou no chorar de soluços, — e se teve de olhar o céu, foi para vel-o mudo, foi para lembrar-se que estava na terra; e se teve de encarar os homens, a indiferença dos homens foi mais amarga que a mudez da terra....

Outras vezes, antes de succumbir, mas já no transe tremendo, no auge de uma dôr sem igual, no pungir de uma magoa mais poderosa que a propria alma, mais forte que o coração que requinta pelo desespero, que se confrange á violencia do martyrio, brada insensível, esse terrível brado, que resume a renegação de toda uma vida de crenças, de toda a santidade de um affecto por Deus :

« Eu quero morrer ! »

E' quando então, despida da humildade, sem mais resignação que a ampare, revolta-se a alma no excesso do soffrimento; e sem forças para a reacção... succumbe.

Mas se o excesso da luta traz a apathia, se o espirito dorme na dôr, a esse dormir forçado chama o mundo coragem salvadora.

Porque não é antes a covardia triumphante, triumphando da morte ?...

II.

Era um dia um poeta que amava uma mulher.

O..... tinha quatorze annos ; o volver dos olhos negros soletrava hymnos de ternura ; o entreabrir dos labios mimosos que guardavam perolas, exhalava os perfumes do ceo ; o rosado da côr morena, o ondeiar das madeixas soltas, das madeixas negras, onde a brisa brincando semeiava beijos, que eram como os beijos de O....., como sua voz, como seus gestos, o transumpto de uma alma que o céu fadara para traduzir harmonias do céu ; de uma alma pura como o primeiro sonho de amor em coração de virgem, innocente como a lagrima de saudade que das faces incendidas do poeta escorre sobre a face fria de irmã dormida, melancolica como o ultimo soluçar de um ai que la vai morrer nos regelos da lousa onde a pobre mãe vê abrigar-se a filhinha dos perigos do mundo ; o rosado das faces, o desalinho das tranças negras, era a expressão clara, eloquente da candidez serena que lhe embalava os sentidos !

E a pureza d'essa alma, e a innocencia e a melancolia da virgem candida, vieram acordar no coração do poeta

os primeiros hymnos que repetio na lyra, e os hymnos do poeta meigos, doces, sentidos, eram ja a crença de sua vida, eram a vida de sua alma, eram o seu amor pela virgem.

Mas o poeta teve de despedaçar a lyra. Roçou-lhe a fronte o contacto das azas do anjo que amava, e a fronte pendeu-lhe, banida a inspiração!

O....., a mulher que elle sonhára candida e bella como devêra ser candida e bella a obra mais perfeita de Deos, O..... que elle havia adorado como o anjo inspirador do que a mente creava de poetico e divino, e cujo sorriso, e cuja meiguice promettiam na terra toda a ventura, que podia enlevar a alma do poeta, que só pela superioridade do sentimento comprehende o amor, O....., era agora a magoa que o coração lhe gemia no peito, era agora o fogo que lhe abrasava o cerebro, era o desvairamento, era a realidade sinistra de um abysmo de repente aberto sob seus pés; para a profundesa do qual rolava o coração do infeliz, pedra negra, arrastada ao abysmo pelo proprio abysmo, que se illuminára um instante, mas á luz do raio, á luz que cega..... e que lhe escondera o fundo!

Coitado do poeta! Procurou na fronte da mulher que amava, a grinalda de flôres candidas com que Deos a havia ornado, e achou-a na poeira, quando não havia mais erguel-a, quando eram já murchas as flôres!

Coitado do poeta! Quiz beijar em adoração a tunica alvacentá de virgem que esperára um dia vêr desdobrar-se candida, intacta, sem uma nodoa em leito de noiva, e achou-a manchada!... Virgem?...

Anjo decahido do throno da virgindade, ja não guardava a pureza que perfuma, embora o perfume do seio embriagasse ainda!

Mas o poeta não podia amaldiçoal-a; essa mulher, amando-o, confessára o seu passado; pungia-lhe a consciencia um erro sem reparo; chorava, e chorava muito, por se haver despenhado, destruindo-se na queda; gemia, e gemia muito, porque a dôr de sua alma era funda, porque o remorso era cruel; — e o poeta que a amára, acreditando que a podia amar; e o poeta que amára, sempre, porque não pudera matar no coração esse amor que o envergonhava, essa vergonha que o matava; o poeta, porque a amava ainda, não podia amaldiçoal-a.

E essa franquesa da mulher que desceu a confessar-lhe

o que o mundo ignorava, que procurava rehabilitar-se pelo amor, que calcava o orgulho com que podia esconder sua vergonha; essa franquesa que feria de morte o coração do poeta, todo enlevado pelo ideal de pureza que lhe creára o amor, essa franquesa dizia muito em favor da pobre victima de um amor trahido.

Sem odio, sem recriminações, lastimou-a o poeta, e ainda mais porque ja tinha ido dar contas a Deos aquelle a quem queria pedil-as na terra.....

Mas, se sua alma descêra ao inferno, porque no inferno mesmo não iria afogal-a o poeta, com o hálito que despedia seu peito, só fezes, só veneno?!...

III.

No dia seguinte era morto o poeta.

Os homens viram passar seu cadaver que se destinava á valla do cemiterio, e rindo-se do infortunio que o fez tombar, atiraram-lhe na passagem epithetos de maldição!

Os homens chamaram áquella alma que não soubera dormir entorpecida pela dôr, que não fôra esmagada pela desgraça, mas que a sacudira de si, porque não se lhe déra de apressar sua passagem na terra, os homens chamaram-lhe — Covarde! —

Mas o mundo tinha visto na vespera chorar o scelerado que prostituiria a innocencia, que cavára na orgia a sepultura de sua velha mãe, e que se apegava á vida carregando a infamia que se lhe estampára na fronte, — e o mundo áquelle viver cynico, áquelle amor vil por uma vida infame, chamára na vespera — « Coragem »! —

Mas que vale o mundo, que importa os homens?....

Era esta a coragem do cynismo que vive pela infamia; era aquella a covardia da virtude que morre para não manchar-se....

E o coração da mulher trahida desfallecia no peito ao ver passar o cadaver do poeta; e aquelle coração macerado, desvirtuado, tinha lagrimas puras para chorar a nobresa de um amor que se finára; e o mundo *virtuoso*, presumido, só tinha risos para responder ás lagrimas, só tinha epithetos para saudar um cadaver!

Egoismo cynico de que se reveste a sociedade feliz, cujo gargalhar de orgia abafa os gemidos do desditoso que soffre.

Nas faces d'essa mulher que escorr' am pranto, cuspiam affrontas os homens, escreveria o mundo ignominia, se, confessando o passado, a vissem resgatal-o pelas dores, forte pela consciencia do dever, escudada pelo arrependimento!

Sociedade, se não é o calculo que te dicta as leis, se não é a maldade que te inspira o voto, tu és cynica, se te não confessas ridicula!

IV

E de certo, em que tempo, em que condições já se vio a virtude pertencer ao maior numero, sendo o vicio do menor?

A covardia não será mais facil que a coragem?

O cynismo da vaidade não deixa responder — sim, — porque a vaidade chama resignação á coragem que apregoa e exalta, e não se convence que essa resignação é a humildade que prostra o espirito, que acurva a a'ma, que enfraquece a intelligencia, que adormece a razão, que aniquila as sensibilidade, para que se conserve o corpo, para que a materia viva!

Mas porque salvam o corpo, os corajosos do maior numero não viram ainda que na sua coragem está o suicidio d'alma?

E não é mais terrivel esse suicidio que embrutece a razão, e caminha cego pensando que mata a immortalidade?...

..... Aquelle homem era feliz, tinha affeições na terra, tinha crenças; a mão da desgraça pesou sobre elle, e recolheu-se do mundo. Sem mais affectos, sem crença, sem esperança, não sabe já que existe, sente apenas que soffre. Curva-se para o sepulchro, e namora-lhe o fundo, chorando o tardio da hora.

Quem é elle?....

Aquella mulher é moça e formosa, fez resumir na satisfação de seu amor, o horisonte de seu futuro; mataram-lhe a esperança, e ella de sua parte quiz matar o coração.

Não renegou da belleza? Não regeitou a virtude? Não envelheceu a alma? Não se riscou do mundo? ... Quem é ella?....

— Mas esses taes tem a coragem do soffrimento, diz o mundo que só lhes olha o corpo em pé, e não vê que lhes morre o espirito!

Mas o mundo é assim. Chama corajosos aos que ferem a alma, poupando o corpo ; chama covardes aos que ferem o corpo, julgando poupar a alma.

Como se n'alma não doesse o golpe que ensanguenta o corpo ; como se o corpo não bebesse n'alma a sensação da dôr !

Grande logica da conveniencia, tu não persuades, nem convences, porque abraças o corpo, negando-lhe o sentimento.

V

Mas ceda o coração lugar ao raciocinio.

Deos, fonte do bem, permittindo que o mal baixasse sobre o mundo ; Deos essencia de bondade, permittindo que o erro invadissem a humanidade ; Deos deu ao homem a razão, o discernimento, que avalia as consequencias de um, que aquilata a intensidade de outro.

Lançado no turbilhão do mundo, nadando na voragem das paixões, mas tendo a mente alumada pela razão, o homem conta seus dias pelas vezes que no coração lhe mentio uma esperança ; o homem conta as horas de seus dias, pelas vezes que uma nova esperança lhe veio sorrir n'alma : o homem conta os instantes de suas horas, pelas vezes que uma saudade do passado lhe veio entristecer o coração, pelas vezes que a incertesa do futuro lhe veio estremecer o espirito !

Que seria do homem se a luz da razão lhe não alumiasse a mente ?

Herdeiro de uma parte tão bella da divindade ; responsavel pelo thesouro que lhe foi confiado na terra ; tendo de dar contas do emprego que fez da vontade ; tendo de acceitar a eternidade que preparou para sua alma immorttal, o homem não tem direito de sacudir dos hombros o peso de seu destino.

Abraçado á razão, deixe que os labios d'alma toquem a taça do fel, mas tenha os olhos do espirito medindo a immortalidade da vida.

Nem ha coragem, nem ha covardia no que acceita o sofrimento, ou no que se atira á escuridão da campa. Ninguem se foi postar entre a alma que deixa o corpo, entre o corpo que se esconde na tumba, e Deos que vai julgar da

alma, e Deos que não cuida do corpo. Ninguém sabe, porque ninguém escutou ainda, qual a ultima palavra, qual o derradeiro grito da alma que vòa do corpo, porque o corpo levantou contra a vida mão ousada, justiceira ou criminosa!

O que o mundo sabe é o que Deos ensinou; é que a razão é a guia do homem; é que a razão aconselha a vida; é que a vida é de Deos; é que Deos, que nos deu, quer que a guardemos com respeito, e contra a vontade de Deos, não ha coragem nem covardia.

Quando o homem renega das crenças e renega de Deos, vio antes sumir-se-lhe a razão no pélogo das duvidas, no abysmo das trevas.

E cahindo ferido da propria mão, e rebellando-se a alma contra si propria, faltou a consciencia á mente que obrava, e na queda tremenda não teve a sensibilidade da dôr.

O sonhador somnambulo apaga a luz para tactear nas trevas: a luz da razão se apaga no homem quando se abraça com a morte.

A sentença que fulmina contra si é o desconhecimento da loucura: e se esta accorda a compaixão dos homens, por que lhe faltará a misericordia de Deos?...

Nem é valente, nem é covarde: o suicida é um louco!..

Rio de Janeiro 28 de Outubro de 1862.

Luiz José Pereira Silva.

Espera !

Que exiges, coração, que tanto imperas
Sobre a fragil razão, que n'outras eras
Altiua dominou?

Porque te envolves nesse escuro manto?
Porque aos olhos me envias este pranto
Que a magoa em ti gerou?

Porque succumbes á voraz tristesa,
 Desmentindo, covarde, a natureza
 Que em ti já vira o mundo
 Com tão robusto ardor ?
 Como n'um cahos profundo
 Lançar-te pôde o amor ?

—

Tu amas, coração, e amor tão puro
 Se um passado não tem, olha ao futuro,
 Espera, e crê em Deus :
 Não offendas o ceo, que é desatino
 Do seu valor descrer, ver o destino
 Guiando os passos teus ;
 Pensa nesse ANJO que submisso adoras,
 E em cada pulsação contando as horas,
 Verás que o tempo corre
 Deixando a crença em pé :
 Nunca a esperança morre
 Se vive n'alma a fé.

—

Vês da vida na estrada só abrolhos,
 Porque a pallida luz d'uns meigos olhos
 Que viste já brilhar,
 Debalde expande ao longe o casto brilho,
 E o teu agreste, longo e rude trilho
 Não pode allumiar :
 Quem sabe se do amor que te alimenta,
 Que a vida ampara em ti, d'amor sedenta,
 Na ausencia que te esmaga
 Se nutre a doce luz ;
 Se o pranto a não apaga
 Correndo aos pés da cruz ? !

—

Vence altivo a cruel melancolia ;
 Não seja noite para ti o dia,
 Envolto em negro veio ;
 Pede á solida crença que te aponte,

Rompendo as vastas nuvens do horizonte,
Um *anjo*, a vir do ceo :
Deus, que protege só castos amores,
A's saudades crueis, ás cruas dores
Que o mundo tornam ermo
Dará compensação :
— Já perto vem o termo —
Espera, coração !

—
M. REIS FOJO SEABRA.

AS VENTOINHAS.

—
Com seus olhos vaganaús,
Bons de dar, bons de tolher.

SA' DE MIRANDA.

—
A mulher é um catavento;
Vae ao vento,
Vae ao vento que soprar ;
Como vae tambem ao vento
Turbulento,
Turbulento e incerto o mar.

—
Sopra o sul : a ventoinha
Volta azinha,
Volta azinha para o sul ;
Vem taful : a cabecinha
Volta azinha,
Volta azinha ao meu taful.

Quem lhe puzer confiança,
De esperança,
De esperança mal está ;
Nem desta sorte a esperança
Confiança,
Confiança nos dará.

—

Valera o mesmo na arêa
Rija ameia,
Rija ameia construir :
Chega o mar e vae a ameia
Com a arêa,
Com a arêa confundir.

—

Ouço dizer de umas fadas
Que abraçadas,
Que abraçadas como irmãs,
Caçam almas descuidadas...
Ah que fadas !
Ah que fadas tão villãs !

—

Pois, como essas das balladas,
Umás fadas,
Umás fadas, d'entre nós,
Caçam, como nas balladas ;
E são fadas,
E são fadas de alma e voz.

—

E' que — como o catavento,
Vão ao vento,
Vão ao vento que lhes der ;
Cedem tres cousas ao vento :
Catavento,
Catavento, agua e mulher.

—

DINHEIRO !

(.Continuação do n.º 13.)

LXIX.

Se o decoro, e o dever, alguém *notou*,
Que dinheiro já viu, *com olho attento*,
E' saudade que tem do que *ficou*,
E lhe occupa, sosinho, o *pensamento* ;
Nas mostras, e no gesto o não mostrou ;
Mas com risonho e ledo fingimento,
Parodiar Catão só *determina*,
Até que pilhar possa o que imagina.

LXX.

Por mesquinho soldado, o *capitão*
A's hostes d'inimigos é *levado*,
E ambos o commandante *levarão*
Se elle a dóse, primeiro, houver *tomado* ;
Se os tres no General vêm má *tenção*,
Affoguem-n'ò em dinheiro, que é *damnado*,
E se a espada não vende, á luz do *dia*,
E' que inda não lhe deu quanto *daria*.

LXXI.

Se ostenta o magistrado sã *vontade*,
Que o dourado remedio não *tomou*,
Tomando-o, esquecerá toda a *verdade*
Que um codigo rançoso lhe *ensinou* ;
Nem suppõe que o premeie a *Eternidade*,
Se aqui bom nome, apenas, *alcançou* !
Da virtude o dinheiro é *inimigo*,
Mas é d'amigos seus prestante *amigo* !

LXXII.

Se o pobre, d'opulenta *companhia*
 Não for, pela friesa, *despedido*,
 Saiba, ao menos, que a frouxa *cortesia*,
 O riso protector, tudo é *fingido* :
 Não pisa um homem d'ouro a *terrea via*,
 E só recebe bem, se é *recebido* ;
 Nem brilha no lusido *ajunctamento*,
 Quem tem, para viver, triste *aposento*.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o gran' Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
 O sobr'olho franzindo ao *lusitano*,
 Mostrando-se enjoado e *avorrecido*,
 Lá na **jambæa** cabeça *um falso engano*
 Forjava, por ver tudo *destruido* ;
 E em quanto o seu *negocio imaginava*,
Comsigo estas palavras praticava :

LXXIV

« Do Fado estava *já determinado*,
 « Que eu não fizesse mais *acções famosas*,
 « Sem ter boas patacas *alcançado*,
 « Destas, e d'outras gentes *bellicosas* ;
 « *E eu só, filho do Padre sublimado*,
 « O protector das bolçoas *generosas*,
 « Verei, embora Deus o *favoreça*,
 « *Outrem per quem meu nome se escureça* ?

LXXV

« Se eu inteiro o juizo não *tivesse*,
 « Por ter sido gerado em tão *má parte*,
 « Talvez que ao meu poder não *sumettesse*
 « *Atrevidos pimpões, filhos de Marte* ;
 « Mas como succedeu *que o fado desse*
 « *A tam poucos tamanho esforço e arte*,
 « Porque pagar não hade o que é *Romano*,
 « O Tapuya, o Phenicio e o *Lusitano* ?

LXXVI.

« Ao tempo e á discrição já sou *chegado*
« De saber negociar *astutamente* :
« Só dinheiro, no Erario *fabricado*,
« Ou mandado imitar lá no *Oriente*,
« A tromba encolherá, com que *indignado*
« Heide, altivo, acolher toda esta *gente* ;
« *Porque sempre per via irá direita*
« *Quem do opportuno tempo se aproveita.* »

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Aos trambolhões á terra descendeu,
Onde, vestindo a forma, e o gesto humano,
Toda a gente a imital-o se moveu :
E' desde então que é lei o astuto engano,
Que em negocio a moral se converteu ;
Ninguém poupa um amigo, ou conhecido,
Prega o mono ao monarcha o seu valido.

LXXVIII.

Quem soube enriquecer-se a tempo, e horas ;
Tenha as joias em casa accommodadas,
Que as mãos que a nossa apertam, roubadoras,
Não dizem com que intento são chegadas
Já do Eden as gentes moradoras,
Gostavam de chupar cousas roubadas,
O systema ensinando aos que passavam,
Ou n'aquellas paragens ancoravam.

LXXIX.

Cada alumno que vem, mais entendido,
Busca meios sem fim, sanguinolentos ;
E se pretendem leis ver destruido
Este officio, por modos violentos ;
E' do legislador engano urdido,
São de falsos juizes vis intentos
Privilegio só ter para roubarem,
E seus collegas d'arte cativarem.

LXXX.

Mas estava o seu fim *determinado* ;
 O grupo, diminuto, foi bem *cedo*
 D'ínumeros rivaes *acompanhado*,
 E pelo uso, depois, perdeu-se o *medo*.
 Inventou-se, mais tarde, o povo *armado*,
 Com esperas de noite, *occulto e quedo* ;
Porque saindo a gente descuidada
Cahirão mais facilmente na cilada.

LXXXI.

Este plano vingou : — foi dito e *feito* —
 E o roubo se elevara *totalmente*,
 Dando ao bom roubador alto *conceito*,
 Riquesa, distincções, vida *contente* :
 E', como em tudo, lucrativo o *geito*,
 E' vantagem real o *ser prudente*,
 E os ratoneiros foram *destruidos*,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Para sempre o mysterio se *acabou*,
 Que o progresso não quer *systema velho*,
 É o novo, nas raizes que *lançou*,
 As pisadas seguiu d'alto *conselho* :
 Mais vasto plano, então, se *concertou*,
 Inventou-se, depois, muito *aparelho*,
 Até que nobre, e grande, se *tornasse*
 Quem novos meios de roubar *buscasse*.

LXXXIII.

Da fraude, da extorsão, do vil *engano*
 O prospecto se faz, porque se *mande*
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
 Todo o mundo correr, embora *grande* :
 Na America, e não solo *Lusitano*,
 Na Europa inteira se decide que *ande*,
 E se o mundo, a crescer, fôr por *diante*,
 Que inda o pendão no termo se *alevante*.

(Continua.)

F X. DE NOVAES.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 1º de Abril de 1863.

Um livro de versos nestes tempos, senão é cousa inteiramente disparatada, não deixa de fazer certo contraste como as labutações diarias e as geraes aspirações. E note-se que eu já não me refiro á censura banal feita ás vistas burguesamente estreitas da sociedade, por meia duzia de poetas, que no meio de tantas transações politicas, religiosas e moraes, recusam transigir com a realidade da vida, e dar a Cesar o que é de Cesar, tomando para Deus o que é de Deus.

Elles dizem que essa mutualidade por transação do real e do ideal, em taes condições, abate a porção divina que os anima e os faz indignos da coroa de fogo da immortalidade.

Teem razão. Mas as aspirações a que me refiro, qualquer que seja o seu caracter pratico, não dispensam a intervenção do espirito, e então não transigir com ella é abrir um combate absurdo. Ha quem diga com desdem que este seculo é o do vapor e de electricidade, como se essas duas conquistas de espirito, não viessem ao mundo como dous grandes agentes da civilisação e da grandesa humana e não merecessem porisso a veneração e a admiração universal.

O que é certo, porem, é que em nosso paiz e neste tempo é cousa rara e para admirar um livro de versos, e sobretudo um livro de bons versos, por que mãos, sempre ha quem os escreva, e se encarregue, em nome de outras nove musas, que não morão no Parnaso, mas algures, de aborrecer a gente séria e civilisada. Veja, pois, o leitor com que praser e açodamento venho hoje fallar-lhe de uma collecção de versos e bons versos!

O Sr. Augusto Emilio Zaluar, author das *Revelações*, o volume a que me refiro, é já conhecido de todos para que eu me dispense de accrescentar duas palavras á opinião geral. As *Revelações* contém muitas poesias já publicadas em diversos jornaes, mas conhecidas uns por uns, outras por outros, de modo que, reunidas agora, se offerecem, passe a expressão, ao estudo de uma assentada.

Não intento, nem me cabe fazer um juizo critico da obra do poeta. Entendo que o exame de uma obra litteraria exige da parte do critico mil qualidades e predicados que poucas vezes se reúnem em um mesmo indivi-

duo, havendo por isso muita gente que escreva *criticas*, mas poucos que merecem o nome de *criticos*.

Dizer quaes as impressões recebidas, como um simples leitor, não tão simples como o bofariubeiro, tenho a vaidade de suppor-o, eis ahí a que me proponho e o que devo fazer sempre que por obrigação tenho de fallar de algum livro.

Este que tenho á vista tem direito a uma honrosa menção. Se ha nelle poesias a que se poderia fazer mais de uma censura, se em algumas dellas a inspiração cede á palavra, ha outras, a maior parte, tão completas que bastariam para coroar poeta a quem não tivesse já essa classificação entre os homens.

Na *Harpa Brasileira* encontramos uma parte destas. A *Casinha de sapé* é um fragmento poetico dos mais completos do livro. A inspiração deslisa entre a expressão franca e ingenua como o objecto da poesia. O espirito acompanha o poeta *por entre os bosques sombrios*, onde

Uma casinha se vê
Toda feita de sapé.

O contraste da solidão com o ruido remoto do mar e do vento, é descripto em poucos e lindos versos; a lembrança do passado, a descripção da casa abandonada e a melancolia do sitio cantada em versos igualmente melancolicos, tudo faz dessa composição uma peça acabada.

O *Ouro*, que se lhe segue, é composição das mais conceituosas. O *Filho das florestas* dá em resultado uma conquista de verdadeiro poeta. Se o fundo não é inteiramente novo, a fórma substitue pela concisão, pela propriedade e até pela novidade uma dessas *moralidades poeticas*, proprias dos poetas pensadores que se distinguem dos *poetas individuaes* em nos não cantarem eternamente as mesmas magoas.

A familia, *A minha irmã*, *Confissão* etc., são outras poesias que se destacam do livro por um merito superior. De resto, tenho uma censura a fazer ao poeta, ou antes, são os seus admiradores que lh'a fazem; e vem a ser, de ter dado entrada no livro a muita poesia alheia. Se esse facto nos traz ao conhecimento pedaços de boa poesia, não é menos verdade que toma o lugar que poderia ser occupado com igual vantagem pelo autor

O livro do Sr. Zaluar merece ser lido por todos quantos apreciam poetas. Marca grande progresso sobre o seu primeiro volume *Dores e Flores* e revella bem que o poeta chegou á maturidade do seu talento.

Cifra-se nisto toda a bagagem litteraria da quinzena. Canta-se ou pensa-se a largos intervallos no nosso paiz. Annuncio tenho eu de boas novas. As folhas do Maranhão dão como a imprimir-se uma traducção da *Guerra Gauleza* feitas pelo erudito e elegante escriptor maranhense Dr. Sotero dos Reis.

E' excessivo acrescentar uma palavra a esta noticia; o nome do traductor é

uma garantia da obra, como é uma das honras da terra de Gonsalves Dias, Lisboa e Odorico.

Para não impedir o leitor de ir assistir aos officios da semana santa devo concluir despedindo-me até depois da Pascoa...

Avisam-me agora que o não faça sem inserir nestas paginas o seguinte bilhete. E' de um amigo meu :

« Boa nova ! O Garnier abriu assignaturas para a publicação de um poema do padre Souza Caldas, obra encontrada nas mãos de um herdeiro de seus numerosos escriptos, e inteiramente inedicta »

* Satisfeito o pedido, convido o leitor a verificar por seus proprios olhos a noticia do meu officioso correspondente.

MACHADO DE ASSIS.



EXPEDIENTE.

Aos Illms. Srs. Assignantes, cuja importancia da assignatura, a REDACÇÃO até hoje não tenha recebido, vai ser—desde já—suspensa a entrega deste jornal.

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

COLLABORADO POR VARIOS ESCRITORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.

Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

Condições da assignatura.

Para a Côte 15\$000 — Para fóra da Côte e Provincias 17\$000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO OUVIDOR N. 46, 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp.	Bahia.
Cunha Irmãos & Comp.	Pernambuco.
Luiz Augusto de Oliveira .	Maranhão.
Joaquim Baptista Moreira .	Pará.
Silva & Costa .	Rio Grande do Sul.
Francisco Luiz Ribeiro	Pelotas.
Joaquim Alves Leite . . .	Porto-Alegre.
J. J. de S. Ayrám Martins .	Santos.
Felizardo Toscano de Brito	Parahyba do Norte.
José Gonçalves Guimarães.	Maceió.
A. L. Garraux	S. Paulo.
Henrique Xavier de Novaes	Vassouras.